

EMPRESÁRIO DENUNCIA CORRUPÇÃO

'PEDIRAM-ME DINHEIRO PARA TER UM CONTRATO'



VISÃO

Nº 291 • 15 A 21 DE OUTUBRO DE 1998 • 400\$00

**Madrid, Lanzarote e Lisboa
– o triângulo da ternura
e da festa. A reportagem
de Fernando Dacosta,
que acompanhou o
escritor e a mulher,
após a atribuição
do Nobel
da Literatura**

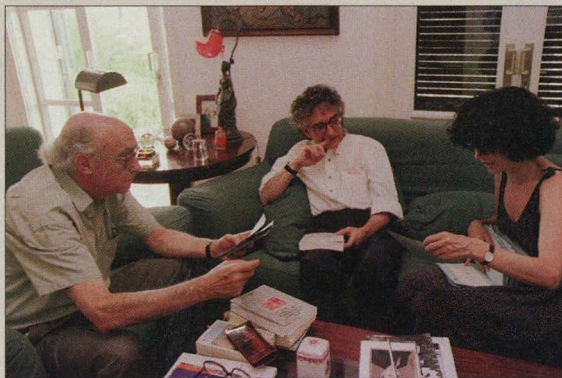
SARAMAGO E PILAR OS DIAS FELIZES

MELANCIA: 'ESTOU MAGOADO COM MÁRIO SOARES'

MISSION: SURVIVAL
Mais 12 cartões
para jogar

A sagração de Saramago

A conquista do Prémio Nobel da Literatura por um escritor português é um dos acontecimentos culturais mais relevantes da vida nacional neste fim de século. A importância do evento prende-se, para além do facto intrínseco, com a circunstância de, em 97 anos de vida do cobijado galardão, nunca a chamada língua de Camões ter sido distinguida pelos polémicos critérios dos jurados da Academia Sueca. A quebra do tabu por José Saramago veio convidar-nos à reflexão, para nos ajudar a concluir que, afinal de contas, talvez Saramago, e só ele, tenha merecido o que não estaria ao alcance de outros. Considerações à parte, o Nobel português mobilizou de imediato a redacção da VISÃO, e menos de 24 horas depois de ter sido anunciada a vitória de Saramago, já uma edição especial da nossa revista estava na rua. Esse número 290a da VISÃO obteve, aliás, assinalável êxito, depressa desaparecendo das bancas. Ao ter conhecimento dele por intermédio dos nossos enviados



EM LANZAROTE

Saramago lê o número especial da VISÃO, com a mulher, e conversa com o nosso enviado especial, Fernando Dacosta

cerimónia aberta a todos os munícipes) e onde participa no encontro de escritores de expressão portuguesa e espanhola, a decorrer no Porto paralelamente à Cimeira Ibero-Americana.

Sendo embora essencialmente português, Saramago – casado com uma ex-jornalista andaluza e desde há anos residente na ilha canária de Lan-

zarote – assume-se, aliás, como um elo de ligação entre as culturas de expressão lusa e hispânica, unidas numa singularidade exemplarmente retratada no seu romance *A Jangada de Pedra*. Na sua obra, Portugal readquire uma identidade própria há muito esquecida mas outrora sempre presente: a de uma unidade política e cultural incontestavelmente independente mas indissociável de um todo de que faz parte integrante – a boa e velha (os ingleses que nos perdoem a expressão) Península Ibérica.

Neste número, a VISÃO acompanha os passos do escritor em Espanha, nas Canárias e no seu regresso a Portugal, onde está a ser alvo de justas homenagens (a começar pela da Câmara Municipal de Lisboa, que lhe ofereceu as chaves da cidade em

especiais a Madrid e a Lanzarote – o redactor principal Fernando Dacosta e o repórter fotográfico António Xavier –, Saramago mostrou-se agradavelmente surpreendido pela rapidez de resposta da nossa redacção, e confessou ter apreciado o trabalho.

DESCONTO ESPECIAL PARA ASSINANTES

VISÃO

ASSINAR A VISÃO CUSTA MENOS 20%

Enviem a assinatura de 6 meses 1 ano para:

Nome _____

Morada _____ Localidade _____

C. Postal _____ País _____ Profissão _____

Data de Nascimento _____

Pagamento: Cheque (à ordem de Publicações Projornal, SA) n.º _____

Banco _____ Valor _____

Cartão de Crédito. Autorizo o débito no Cartão Visa n.º _____

Validade _____ Valor _____

Vale do Correio n.º _____ Valor _____

Assinatura _____

(Não necessita de selar o subscrito)

Preços com desconto de 20% incluído*

TABELA DE ASSINATURAS	6 MESES	1 ANO
Continente e Ilhas	9 490\$00	18 980\$00
Europa	15 080\$00	30 160\$00
Regimes especiais (Macau, Guiné, S. Tomé)	15 912\$00	31 824\$00
Resto do Mundo	20 176\$00	40 352\$00

* Desconto sobre o preço de capa. Os preços indicados incluem os portes de correio

Envie para:

Revista VISÃO
Remessa Livre n.º 11 164
1059 Lisboa Codex



À PORTA FECHADA
Seleccção
em vez de JAE

António Guterres e Sousa Franco estiveram, no sábado à noite, à porta fechada, num quarto de hotel, em Moçambique. «Para falarem da crise da JAE?», perguntará o leitor. «Também», será a resposta mais correcta. Na realidade, o que os juntou foi a selecção nacional de futebol, a cuja derrota, com a Roménia, assistiram em directo. A ideia era a de poderem, assim, desanuviar o ambiente. Mas não se pode dizer que a «equipa das quinas» tenha colaborado muito...

PRÉMIO NOBEL
Parabéns suecos
a jornalistas
portugueses

Numa pequena cidade do Sul da Suécia, Lund, fica o grande complexo industrial da Tetra Pack, onde se encontrava um grupo de jornalistas portugueses quando o júri do Nobel da Literatura anunciou o vencedor do prémio. Por momentos, os jornalistas portugueses tinham-se ausentado da sala de conferências. Quando voltaram, depararam com um grande mapa da Europa onde o rectângulo de Portugal brilhava, projectado num ecrã gigante. Sobre o mapa, em letras maiúsculas, repousava a seguinte frase: «Parabéns pelo Nobel da Literatura». E até nas lojinhas de Lund os jornalistas foram felicitados pelos vendedores suecos que, ouvindo uma língua pouco familiar, lhes perguntavam de onde vinham.



ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA
Nº990 8 OUTUBRO 1998 100\$ - 0,5 €

ACÇÃO SOCIALISTA

Director Fernando de Sousa Director-adjunto José Manuel Viegas
Internet: <http://www.partido-socialista.pt/partido/imprensa/as/> E-mail: Accao.Socialista@partido-socialista.pt

‘ACÇÃO SOCIALISTA’
Sócrates despromovido

Será que o ministro adjunto, José Sócrates, foi despromovido no Governo? É que, a acreditar na edição da passada semana do jornal *Acção Socialista*, órgão oficial do PS, «o secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro, José Sócrates, recebeu, no dia 2, no Palácio de São Bento, o relatório da Comissão para a estratégia Nacional de Combate à droga». O que será então feito do «outro» secretário de Estado, o António José Seguro?

ADJUNTO

— O secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro, José Sócrates, recebeu, no dia 2, no Palácio de São Bento, em Lisboa, o relatório da Comissão para a Estratégia Nacional de Combate à Droga.



O documento prepara-se para ser submetido pelo Governo a discussão pública, por forma a ser possível uma recolha de sugestões e servindo de base para a aprovação, até ao final do ano, por resolução de Conselho de Ministros, da estratégia de luta contra o tráfico e consumo de substâncias estupefacientes.

CULTURA POLICIAL
De ‘secretário de Estado’ a ‘entidade’

Pelo menos, o *Acção Socialista* sabe que José Sócrates pertence ao Governo. O que já não se pode dizer de uma agente da PSP que, recentemente, lhe fazia a guarda à sua residência. Ao entrar em casa, recebeu uma telefonema da jovem guarda, que lhe pedia desculpa por não o ter cumprimentado à entrada, mas sendo a primeira vez que ali estava de serviço, «não sabia que era ele a entidade a guardar». Donde se conclui que a cultura política ainda não faz parte das aulas da escola de polícia, e, convenhamos, o nível de notoriedade do ministro Sócrates anda muito por baixo...



NA LINHA



O comunista Saramago

PEDRO ROLO DUARTE

Por incrível que possa parecer, até vou recordar as palavras de Baptista-Bastos deixadas na TSF no dia em que se soube que Saramago tinha ganhado o Nobel. Dizia ele que muitos dos que antes «zurziam» as palavras do escritor estavam agora na infeliz situação de se verem forçados a cobrirem-no de mimos. Nada mais acertado e justo. Ao longo dos anos, José Saramago foi maltratado por razões diversas, a primeira das quais é o facto de ser comunista. Como se sabe, ser comunista em Portugal ainda hoje enfrenta preconceitos que vão da «ideia-feita» segundo a qual uma pessoa do PC «não pode» ser rica até à questão mais básica, que é saber como se pode continuar comunista depois da queda do Muro de Berlim. Como se a ideologia e os princípios estivessem sujeitos apenas aos factos.

No caso de Saramago, a «marca» do preconceito anticomunista sentiu-se até nesta façanha considerável que foi ganhar o Nobel. Nesse dia de emoções fortes, numa entrevista de TV, o jornalista, com ar de malandro, perguntou ao escritor: «E agora, como vai gastar os 160 mil contos que ganhou?». Impassível, Saramago respondeu à letra: «Já fez semelhante pergunta aos jogadores de futebol que ganham o mesmo todos os meses?» A pergunta fazia sentido. No Portugal canhestro e ignorante, subsiste a ideia de que um comunista, para ser coerente, deve distribuir o dinheiro que tem pelos pobres, como a Santa Casa — por isso, não pode ganhar uns milhares de contos e gozá-los livremente. Saramago, inteligente e arguto, acrescentou: «Olhe, faço com o dinheiro o que todos fazem: gasto-o.» E por aí ficou. E ficou bem. Um comunista, por ser comunista, não tem de, numa sociedade capitalista, abdicar dos seus bens, como um padre, ou renunciar à propriedade como sucedia nos países do Leste antes da queda do muro. Um comunista, por mais que os

princípios prevaleçam sobre a sociedade onde se integre, recusa a esmola — por ser um paliativo da dor, e não a sua cura — como rejeita a ideia de, por iniciativa individual, se armar em D. Quixote e dar aos outros o que é dele. Um comunista, como Saramago se orgulha de ser, usa o dinheiro em proveito de si próprio — e fazendo-o está a beneficiar milhares de trabalhadores, sejam aqueles que editam as obras, os que as distribuem, os que as vendem, ou tão-só os que, lendo-as, ganham com a leitura a consciência que lhes falta.

Não sou um amante fervoroso da obra de Saramago. Acho justa a atribuição do Nobel, mas gostaria mais que ele estivesse nas mãos dos escritores que mais aprecio. Nada disso invalida que ache desastrosa e infeliz a ideia de que um comunista não pode ganhar um prémio sem que o distribua pelos pobres. O melhor dos comunistas sabe que não é a caridade que vence a guerra entre o capital e o trabalho — é, isso sim, a consciência colectiva sobre a vida e a forma como pode, ou não, mudar o sistema. Uma granada num edifício incomoda e nada faz. Uma revolução é outra coisa. Estou certo de que Saramago julga que a sua revolução não se faz com uma bomba. Pior: Portugal não quer revolução alguma — quer paz de espírito, sossego, e a eterna pobreza franciscana que inspirou as melhores obras de José Saramago. Que gaste o dinheiro, com gosto e prazer. Ser comunista é um excelente princípio — mas não significa, em caso algum, ser tolo.

● O país político anda preocupado com a JAE e o dinheiro que terá servido diversos partidos. Eu estou mais preocupado com os buracos. Quer dizer: gostava de saber o valor de cada buraco, para depois saber que partidos e/ou instituições usam o dinheiro dos buracos para prometer ao País que... os tapam.

É infeliz a ideia de que um comunista não pode ganhar um prémio sem que o distribua pelos pobres



ISABEL TEIXEIRA E PAULA MENEZES
Dupla acção contra o insucesso no ensino de Inglês

ENSINO

Aula em dueto

Ensinar Inglês a duas vozes dá prémio europeu a professoras de Alcabideche

Nas ruas da amargura, a Matemática não está só. As disciplinas de línguas também apresentam taxas de insucesso lamentáveis. Para tentar obviar a esta fatalidade de negativas e incompetências linguísticas, duas professoras de Inglês, Paula Menezes, 38 anos, e Isabel Teixeira, 33, da Escola Secundária Ibn Mucana, em Alcabideche, Cascais, desenvolveram uma estratégia que lhes valeu «um enriquecimento profissional» e um prémio — o Selo Europeu para Iniciativas Inovadoras na Área do Ensino das Línguas concedido em Portugal pelo Instituto de Inovação Educacional.

O projecto premiado — *Team Teaching — Promoting Autonomy* — pretende que o inglês leccionado chegue até cada um dos alunos individualmente, respeitando a diversidade de conhecimentos e de ritmos de aprendizagem. Para tal, e como nem sempre é possível desdobrar as enormes turmas, as aulas de Inglês, do 10.º e 11.º anos, com mais de 22 alunos, passaram naquela escola a ter duas professoras em simultâneo. Enquanto uma intervém globalmente para toda a turma dividida em grupos de trabalho, a outra fica na retaguarda, ajuda na resolução dos exercícios, atende às dúvidas, faz pequenas correcções. Só assim, garantem, se consegue chamar à participação os alunos mais fracos, desmotivados e tímidos. «Eles perdem o medo de intervir e ganham auto-estima. É preciso não esquecer que nestas idades há um enorme medo do ridículo, do riso dos colegas», explicam.

Também noutros projectos considerados inovadores no ensino de línguas foi estampado o selo de qualidade. Foi o caso das iniciativas apresentadas por professores das escolas Secundária de Marco de Canaveses e Básicas, de Caxias e André de Resende, de Évora. ■



Portugal está a receber José Saramago com euforia semelhante à de Espanha. Desde que há uma semana lhe foi atribuído o Nobel da Literatura, a Ibéria tornou-se numa festa

OS DIAS DA EUFORIA

FERNANDO DACOSTA E ANTÓNIO XAVIER • ENVIADOS ESPECIAIS

José Saramago tira o casaco, a gravata, e sorri. Pela primeira vez em quatro dias não tem microfones, nem câmaras, nem telemóveis à frente. À frente tem apenas um grupo de amigos, entre eles os irmãos de Pilar, garrafas de (excelente) vinho tinto e piadas soltas.

Estamos num restaurante típico da ilha. Com humor, contam-se novidades da zona e tricas de ocasião. Saramago não é ali o Nobel nem Pilar a sua assessora. São apenas um casal descontraído, e cúmplice, entre outros.

Faz calor. Músicas árabes soam à distância. «Posso dizer-vos que isto de ganhar o Nobel dá um trabalho dos diabos», exclama. «Mas não falemos nisso agora. Agora, o importante é estarmos juntos.»

De madrugada, sob o luar e a brisa, paramos defronte da sua casa. «Que horror, esqueci-me da chave!», grita Pilar. Diver-tido, Saramago dá a volta pelas traseiras e «assalta» a garagem, sem carros — que nem ele nem ela conduzem. De mãos dadas, os dois entram, depois, em bicos de pés, inocentes, ternos.

TRIÂNGULO ÍNTIMO

Madrid, Lanzarote e Lisboa transformaram-se num triângulo no coração de José Saramago. Balizas de referência, as três cidades são-lhe, há muito, símbolos de afirmação, de universalização.

Com elas quis, por isso, partilhar, através de conferências de imprensa e sessões especiais, o galardão outorgado pela Academia Sueca.

«Estou a viver um sonho, como se voasse», disse em Madrid, ao chegar de Frankfurt; e repetiu em Lanzarote, ao entrar na ilha. «Dizerem-nos, de repente, que ganhámos o Nobel, isso tira-nos a respiração. Dá-nos uma solidão incrível. É como se uma luz, muito forte nos envolvesse.»

Saramago só agora começa a sentir seu, real e concreto, o Nobel. O aturdimento dos primeiros dias atenuou-se. A vertigem do mundo a sorrir-lhe, a aclamá-lo, a dizer-lhe que gostava dele — quem o acompanhou, como nós, sentiu bem esse delírio — atravessou-o até ao fundo de si.

«Há muitos outros escritores portugueses que podiam estar nesta situação em que me encontro. Por isso quero partilhar com eles a minha alegria. Que é grande pois não pensava recebê-lo. No ano pas-

sado, sim, julguei que isso podia acontecer. Há quatro anos não o tive por um voto. Dedico o Prémio a todos os jovens que sonham ser escritores, a todos os que não chegaram a ter o reconhecimento público ambicionado.»

A América do Sul deverá ser, depois da Península Ibérica, o palco das aclamações a Saramago. O Presidente da Argentina, Carlos Menem foi, recorde-se, o primeiro Chefe de Estado a felicitá-lo; o Brasil deu-lhe, por sua vez, tratamento de eleição; e escritores da Nicarágua mandaram-lhe, pela palavra de Sergio Ramirez, uma mensagem especial: «Nós, ibero-americanos, sentimos como nosso este Nobel. Ele fez justiça a um escritor das nossas línguas.»

Saramago e Pilar aceitam já com naturalidade as procissões que os aguardam. Ex-jornalistas ambos, sabem protagonizá-las sem ferir regras, inibir espontaneidades, empolar compromissos, frustrar projecções.

O marketing do Prémio, dos editores, dos livros, da popularidade, implica-o. Os meses que se seguem vão ser assim. Nas próximas duas semanas estarão em Lisboa, na casa da Estrela, de onde sairão para o Porto (amanhã, sexta) e Paris depois.

Peru, Colômbia, México, Brasil são etapas que se lhes perfilam. «Temos que anular muitos compromissos e recusar muitos convites», diz-nos. «Vamos precisar de escolher bem o que poderemos aceitar. Só ao Brasil existem duas viagens calendarizadas. Necessitamos de administrar as coisas com rigor. Vou fazer 76 anos, não posso perder tempo. Sinto-me bem de saúde, trabalho estupidamente, a cabeça funciona na perfeição, mas tenho muita coisa ainda para escrever.»

REFERÊNCIA ÉTICA

Mais do que uma referência da literatura, Saramago está a ser uma referência da ética, o que, num tempo sem ela, se torna surpreendente.

«Gosto de me assumir mas não de me exhibir. Não necessitei de deixar de ser comunista para ganhar o Nobel. Se tivesse de renunciar às minhas convicções para o ganhar, renunciava a ele.» Para a Academia Sueca isso não foi, porém, impedimento.

De forma inteligente, Álvaro Cu- ►

EM PORTUGAL

Minutos contados

Um Saramago-meteoro é aquele com que os lisboetas se podem cruzar nas ruas. Escoltado por velozes batedores oficiais, sufcocado por abraços não menos oficiais e aplaudido – muito aplaudido – nos somícticos intervalos que se esquivaram às agendas... oficiais. Até ao final do mês, durante a curta estada em Portugal, José Saramago tem os minutos contados. Governo, ministérios, câmaras... todos correm, se atropelam, disputam umas migalhinhas que sejam do precioso tempo do Prémio Nobel português.

Todos correm, como os populares que encheram a praça do Município correram para apanhar as flores lançadas por Saramago da varanda dos Paços do Concelho, julgando, quem sabe, colher nelas os louros de uma glória extensível, por arrevesada apropriação, a todo um País.

E eram vermelhas as flores que esperavam Saramago na sala VIP do aeroporto da



AVIÃO REJEITADO

Foi Manuel Maria Carrilho e não João Soares quem se deslocou a Lanzarote para trazer Saramago. O escritor não aceitou viajar num avião alugado pelo presidente da Câmara com patrocínios comerciais

ramago Matos e a filha ainda nem sabem como resgatar o pai e o avô (respectivamente) de tamanho bulício mediático.

Foi mesmo o cerco da cidade de Lisboa ao escritor na cerimónia organizada pela Câ-

fé reclamar para si a «chave da cidade» que prometiam no convite depositado na sua caixa de correio. Memorável será o eco do coro nas escadarias sobrelotadas que vão dar ao salão nobre: SA-RA-MA-GO!

Antes da mega-homenagem organizada pelo Ministério da Cultura e a Biblioteca Nacional no CCB, ao fim da tarde de ontem, quarta-feira, o escritor reservou um espacinho para um convívio na eufórica sede do PCP no Hotel Vitória e para a vigília da CGTP no Terreiro do Paço.

Sucedem-se os jantares, um almoço com o Presidente da República, comendas, o título de embaixador da cultura portuguesa, exposições biográficas na Biblioteca Nacional, cerimónias e homenagens várias. É a redenção nacional. O Ministério da Educação baptizou mesmo, à revelia da censura autárquica, a escola secundária de Mafra com o nome do premiado.

O Presidente da Câmara da Golegã reclama uma visita do nobelizado em carta aberta ao escritor, e promete o seu nome concedido a uma rua, a uma escola e um busto no centro da terra que o viu nascer. A partir de amanhã, sexta-feira, o Porto também poderá usufruir de alguns pozhinhos desta glória literária. Saramago desloca-se aí para o Encontro de Literaturas Ibero-americanas na Cimeira. Pode até encontrar-se com outro homem também aguardado com alguma impaciência naquela cidade: Fidel Castro. Afinal, foi o líder cubano um dos primeiros a enviar-lhe um telegrama de felicitações. **A.M.C.**



PALMAS PORTUGUESAS

Saramago, recebido por Guterres, chega ao Aeroporto de Lisboa

Portela nesta terça-feira, à sua chegada a Lisboa. Rosas, gerberas ou cravos. Muitos olhos húmidos, vozes embargadas, cravos na lapela, abraços comovidos. Depois do primeiro encontro pós-Nobel, Violante Sa-

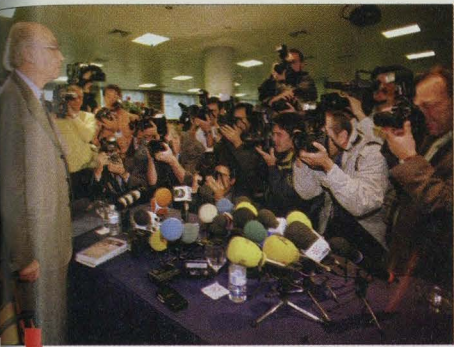
mara, no mesmo dia, nos Paços do Concelho. E teve direito a tudo. Discursos inflamados, quase gritados. Famílias que empurravam as crianças para o beijinho da praxe. E até a velhinha que vinha de boa-

► OS DIAS DA EUFORIA

nhal e Júlio Anguita logo o perceberam, e afirmaram, puxando-o publicamente para o seu altar.

«A obra de Saramago é voltada para a realidade, através de uma intervenção muito criativa, cheia de sonho, de imaginação», destacou o primeiro. «Nos tempos que correm fazem falta pessoas com envergadura de gigante que digam que é necessário apostar no ser humano», acrescentou o segundo, dirigente da Esquerda Unida espanhola (ex-PCE).

Saramago não lhes resistiu, mas inflectiu-lhes: «Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é necessário forçar essas circunstâncias à sua medida. O capitalismo não o quis fazer, o socialismo não o soube fazer. Como comunista, sou herdeiro de todos os horrores (caso das



CONFERÊNCIA EM MADRID

O momento mais alto do dia do escritor após a divulgação do Nobel

deportações) que se conhecem. Tal como o Papa é de todas as inquisições. Apesar disso, continuo a ser o que sou. Nada me impede de lembrar, por exemplo, que 225 pessoas detêm hoje mais de 40% da riqueza mundial. Se é assim, então este mundo não tem sentido, não serve. Vai ser, afinal mais fácil chegar a Marte do que ao nosso semelhante.»

Orgulhosos, os espanhóis chamam a Saramago «escritor ibérico», maneira subtil de o puxarem a si. O País vizinho deu-lhe, como se sabe, êxito, paixão, prestígio, acolhimento, serenidade. Fê-lo um dos seus – com honra, com grandeza.

«Sou português porque sou filho de Portugal, mas também sou espanhol porque sou adoptado por Lanzarote», justifica-se. «Sinto-me como se fosse de um país aumentado, que se prolonga até às Canárias, até ao Brasil.»

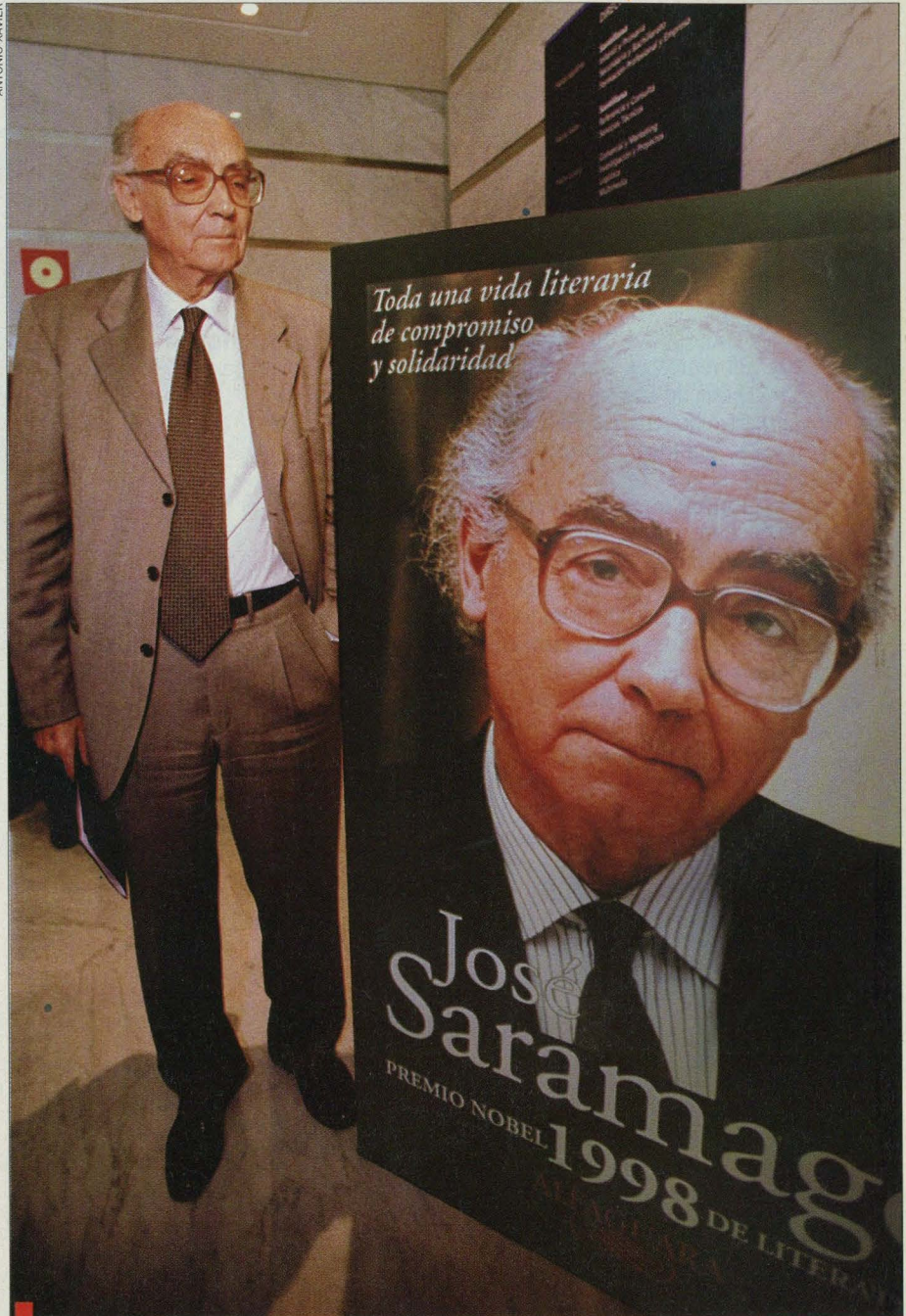
O embaixador de Portugal em Madrid, Marcello Mathias, foi dos primeiros a ►

SARA MAGA

Jornalistas madrilenos aproveitaram a espera pela chegada de José Saramago ao centro de imprensa montado nas instalações da editora Alfaguara para galhofarem com as reacções dos políticos ao Nobel. O entusiasmo público da ministra da Cultura, Esperanza Aguirre (que enviou um telegrama cordialíssimo para Lanzarote), fê-los

lembrar, com acerada ironia, que quando ela visitou, anos atrás, a Feira do Livro (era então vice-presidente da Câmara) e um repórter lhe perguntou se gostava do escritor português, respondeu prontamente: «Imenso, é uma grande pintora.» Pensava que Saramago era Sara Maga, nome de uma pintora...

ANTÓNIO XAVIER



MARKETING

«Gosto de me assumir, mas não de me exhibir»

► OS DIAS DA EUFORIA

cumprimentar Saramago - telegrafica e pessoalmente. Chegou antes da hora ao local da conferência de imprensa e, de forma discreta, sentou-se num canto da sala, com outros elementos do gabinete. Sensibilizado, Saramago pô-lo à sua direita, na mesa. Foi a única presença (oficial) do nosso País no evento.

Jorge Sampaio e António Guterres felicitaram o premiado por telefone. António Maria Carrilho, ministro da Cultura, ligou-lhe a descrever o programa que estava a ser preparado em sua homenagem.

FIGURA RESPLANDECENTE

Na noite da sua chegada a Madrid fica sensibilizado (depois de jantar com Siza Vieira) ao saber que João Soares mandara afixar cartazes pelas ruas de Lisboa saudando-o.

No dia seguinte, em entrevista pública dada à cadeia radiofónica SER, recebe de Itália cumprimentos de Dario Fo e do Canadá felicitações de Carlos do Carmo; de toda a Ibéria chovem-lhe saudações, encorajamentos, agradecimentos, incitamentos.

Pilar, que se tornou numa figura mediática resplandecente, viu-se várias vezes aplaudida pelo público, rendido à sua paixão por Saramago – e à dele por ela. O enleio que ambos mostram com tocante naturalidade transformou-se numa nota a sensibilizar os que os contactam.

Foi com irrecusável emoção que, por exemplo, centenas de jornalistas registaram o seu reencontro no aeroporto de Barajas quando ele desceu de Frankfurt e ela de Lanzarote – e se abraçaram sem palavras. «Alimentamo-nos mutuamente. É a extraordinária energia de José que me contagia», exclamará Pilar del Rio.

Momentos belíssimos têm sido gerados à volta dos dois, por todo o lado, em Espanha e Portugal, nestes dias de fantásti-

ENCONTRO

Saramago e Siza Vieira após um jantar em Madrid



PEÚGAS E CAMISAS

Ao partir de Lanzarote para Frankfurt, onde foi participar numa conferência sobre o que é ser hoje um escritor comunista, Saramago levou apenas uma mala com roupa para três dias, os que estaria ausente. Pilar, ao fazê-la, não pensou no Nobel, nem na hipótese do marido o ganhar. E ao ganhá-lo, não se lembrou, quando fez a sua mala e tomou o avião para Madrid, que toda a sua vida se ia alterar. Sábado à noite era vê-la correr às lojas do luxuoso Palace Hotel (50 contos por quarto) a procurar peúgas e camisas para Saramago e cabeleireiro para ela. Em vão. Tudo havia já fechado. Ele não pôde mudar de roupa e ela de penteado.

IMPREVISTOS

Não tinha, em Madrid, roupa para mudar



ca ficção. Algo de raro estabelece-se entre eles e os outros, os outros e eles – como se uma luminosidade nova tomasse, irmanasse todos.

«Ele é igual nos livros e na vida, tem uma força e uma curiosidade infinitas», acrescenta Pilar. «É um transgressor, quando vive, quando escreve, quando faz

política, quando lhe dão o Nobel. Os pobres do mundo sentem que este Prémio também é deles, porque Saramago está do seu lado.»

Não é só a literatura portuguesa, as literaturas de língua portuguesa, que Saramago projecta na atenção do mundo. É também a ideologia, a do comunismo inicial, o sonho, o da solidariedade permanente (um povo sem utopia não sobrevive) que ele destaca.

Grande parte das suas palavras e intervenções vão nessa direcção: contra a corrente, contra a moda, contra o comodismo, contra a desmemória, contra o desamor. Alguns designam-no de Consciência, de Gigante, de Apóstolo.

Habitados a chamar as atenções do mundo por feitos «de pés» (de desporto), os portugueses vêem-se agora considerados, aclamados por feitos «de cabeça» – de cultura, de criatividade, de ética, de escrita. ►

Parabéns

José Saramago

O Círculo de Leitores
saúda o escritor
que trouxe o primeiro
Prémio Nobel
da Literatura para
a língua portuguesa.

A consagração,
ao mais alto nível,
da obra
de José Saramago
só pode encher
de alegria
quem o edita
e divulga desde 1981.



JOSÉ SARAGAMO - PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998

Parabéns,
José Saramago!

► OS DIAS DA EUFORIA

A primeira coisa que projectou Portugal fora de fronteiras foi aliás, como lembra Pessoa, a poesia e a crónica. O nosso primeiro afloramento internacional não foi, na verdade, um acto guerreiro, ou comercial, foi literário. Séculos depois, o fenómeno repete-se, com incrível espectacularidade, através de José Saramago.

FLORES ESGOTADAS

Lanzarote acolheu Saramago com ternura. As flores esgotaram-se («Foram todas para nossa casa!», ironizava Pilar) nas mãos das pessoas que foram ao aeroporto ostentar-lhe orgulhos e reconhecimentos.

O Nobel vai trazer novos turistas à região, que farão roteiros à casa (Casa é o nome da vivenda) do premiado, construção branca erguida numa colina sobre o sul e o sol, a África à esquerda, a América à direita, o vento à volta.

Vamos, nessa noite, jantar ao restaurante de um amigo do casal. Pilar festeja o dia do seu Santo, Saramago a amizade dos seus fiéis. Pequenos frangos assados com tâmaras e grandes prendas embrulhadas com amor, dão-lhes, pela primeira vez nos últimos dias, o apaziguamento, o resguardo ansiados.

Com energia, paciência, simplicidade, organização (Pilar é fabulosa a ajudá-lo) Saramago responde a todos, recebe a to-



CONVÍVIO
Com amigos, num restaurante típico de Lanzarote

PAIXÃO
«Alimentamo-nos mutuamente»



dos, deixa-se fotografar, filmar, gravar, encenar por todos.

Algumas regras (poucas) são pedidas: não fotografar a piscina da casa (algo pindérica, por sinal), não comentar insi-

nações de intelectuais portugueses, não especular à volta de rivalidades, a propósito do Nobel, entre Portugal e Espanha.

Se Madrid foi o território da primeira grande conferência ibérica de Saramago, isso deveu-se a que Lisboa não teve a ideia, ou o interesse, de mandar um avião buscá-lo a Frankfurt, coisa que outra capital, mais sensível à cultura, teria feito de imediato.

«Lanzarote é um lugar onde vivemos com uma tranquilidade total. A ilha entrou nos meus Cadernos, mas não na minha ficção. Provocou, no entanto, maior secura, maior austeridade na minha escrita, talvez por influência da paisagem.»

DISCURSO DE IMPACTO

Uma pausa permite, a meio da tarde, um café. Pilar traz, com as chávenas fumegantes, queques com passas. A televisão sem som dá Saramago no meio de microfones e rostos, como um peixe num aquário, entre musgos e pedras.

Ele sorri. «Camões», «Pepe» e «Greta», cães que recolheram em Lanzarote, voltaram na sala, excitados com a ebulição que tomou toda a casa, toda a zona — aonde não param de chegar jornalistas, amigos, vizinhos, curiosos.

O livro de actas de um antigo con- ►

QUILOS DE MENSAGENS

Telefones, telegramas, faxes inundaram os Correios de Lanzarote e as secretárias de Saramago e Pilar — a dele no primeiro andar, a dela no rés-do-chão, gabinetes rectangulares, quase simétricos, com estantes e objectos de arte, fotos e quadros, varandas e azuis.

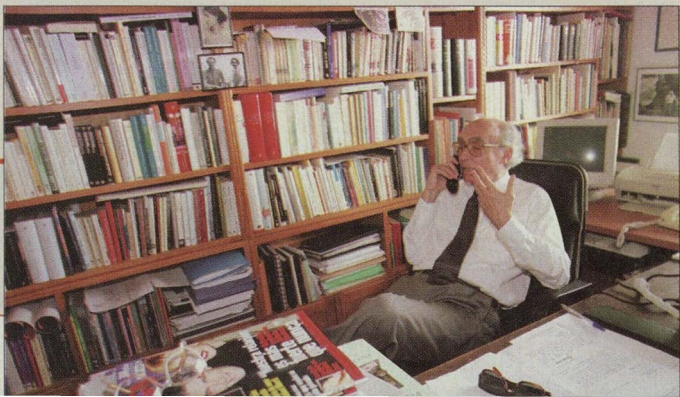
Os Reis e os príncipes de Espanha, Fidel de Castro, Santiago Carrilho, Fraga Iribarne, Filipe Lampreia, Soares e Maria Barroso, Carlos César (Açores), José Cela, Vasquez Montal-

ban, Lígia Fagundes Teles, Sofia de Melo Breyner, Jacinto Simões (médico de Saramago), Eduardo Lourenço, Paulo Portas são algumas das personalidades que felicitaram o escritor. Dois telegramas o sensibilizaram especialmente: um da Varina da Madragoa e outro da Junta de Freguesia da Penha de França, onde Saramago viveu em jovem.

Azenar cumprimentou-o com afectuosidade: «Me alegro por si, por sua Pátria e pelo meu País.»

PARABÉNS

Felicitações, desde Fidel Castro ao presidente da Junta de Freguesia de Penha de França



BEST-SELLER À ESCALA DO MUNDO

De volta ao seu escritório, vinda da Feira de Frankfurt, a agente internacional de Saramago, Ray-Güde Mertin, aterrou num monte de faxes com propostas de negócio. «O mais curioso era do Dubai, e o mais apetitoso da Coreia», diz.

É óbvio que o Nobel provocou, em Portugal, a maior explosão editorial de sempre - entre quinta e sábado saíram cem mil exemplares das obras de Saramago, obrigando a Caminho a imprimir 200 mil em rotativas espalhadas, porque as habituais não chegavam. Mas foi no estrangeiro que se sentiu mais a diferença que faz um prêmio destes.

«Na Polónia venderam-se em dois dias 2 mil livros, exactamente o mesmo que nos últimos cinco anos», conta Ray-Güde. Na Alemanha, onde ela vive, acabaram num dia os 30 mil exemplares das edições de bolso, e os 22 mil de *Ensaio sobre a Cegueira* ainda

Em França - onde Saramago «não sai assim tão bem», diz a editora da Seuil, coisa que se confirma pelas vendas, parcas, de 23 mil exemplares - compraram-se, em média, 300 livros de cada título por dia desde que foi anunciado o prêmio.

Os editores anglófonos também não deixam de demonstrar a sua satisfação por um autor de uma cultura tão diferente ter conseguido tal notoriedade. A americana Harcourt & Brace esgotou tudo num dia e preparava já esta semana uma reimpressão de 50 mil livros de cada um dos cinco títulos traduzidos. A inglesa The Harvill Press congratulava-se com os 11 77 vendidos desde quinta-feira passada.

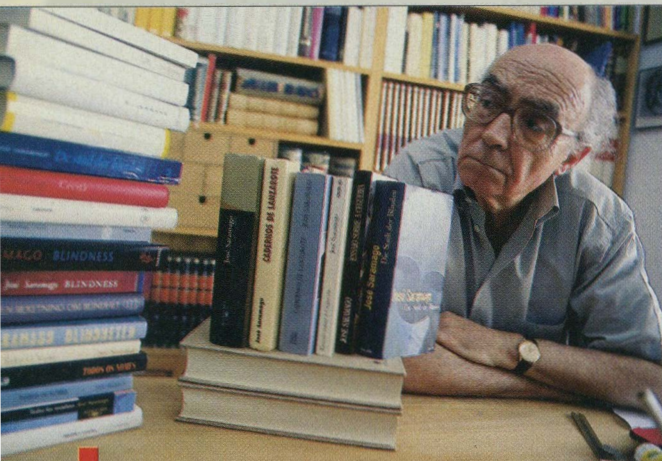
Em Espanha não houve ruptura de stocks, o que é enganador sobre o entusiasmo castelhano pela obra de Saramago. O país vizinho tem o maior índice de tiragens dos seus livros: 70 a 80 mil. Apesar

de partilhar a língua, o público brasileiro demonstra um interesse moderado pelo premiado: do rol de tiragens, apenas se destaca *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, com 85 mil exemplares, *Ensaio sobre a Cegueira*, com 34 mil, e *Todos os Nomes*, com 28 mil. Os restantes não venderam mais de 8 mil exemplares cada.

Saramago ainda pode vir a fazer a fortuna de muitas editoras pelo mundo. «No Leste, por exemplo, porque ele era um escritor relativamente desconhecido; só as edi-

toras mais pequenas é que se interessavam pela sua obra», conta Ray-Güde. Agora, são também essas que ironicamente detêm os seus direitos. E deles não abrem mão.

c.c.



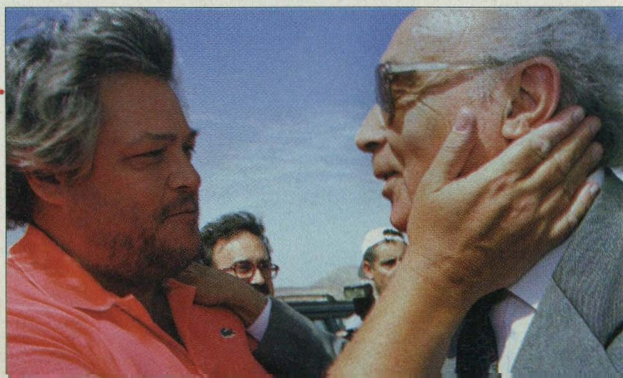
VENDAS

O Nobel fez disparar a procura dos livros de Saramago em todo o Ocidente

em capa dura. Está a preparar-se uma reedição de mais 70 mil. A sueca Whalstrom & Widstrand esgotou os 4 mil exemplares que lhe restavam e mandou imediatamente fazer mais 65 mil. Uma tiragem normal costumava ficar-se pelos 20 mil.

ENTUSIASMO

A emoção de um leitor canário



CHEGADA A CASA
Recepção em Lanzarote

► OS DIAS DA EUFORIA

vénio dará, de súbito, ao escritor a ideia chave para o discurso a proferir a 10 de Dezembro, em Oslo, quando da entrega do prémio. O off de record impede-nos de revelá-lo. Vai, pela sua oportunidade e actualidade, provocar, por certo, grande impacto.

«Servir-me-á de pretexto», exclama, «para dizer o que tenho dito, mas de outra forma e com outra visibilidade. Não será apenas um discurso literário, de circunstância.»

Será um dos momentos públicos - o estatuto de que Saramago desfruta permitir-lhe-á afirmar o que quiser - mais importantes da sua vida.

Nos últimos tempos, o escritor tem vindo a tornar-se numa voz (vejam-se os seus notáveis *Ensaio*s na VISÃO) de cortante ousadia.

Uma vez, quando Tolstoi viajava com o Czar, um escravo, ao ser agredido pelo imperador, voltou-se para ele, olhou-o e disse: «Esta bofetada não me foi dada só a mim, foi também a ti.»

A sina dos escritores como Saramago é não calarem as bofetadas que vêm ser dadas à sua volta. ■

'SAH-RAH-MAH-GO'

JOÃO MÁRIO GRILO

Foi com este singular esforço de fone-tização, que o *New York Times* de dia 8 quis começar a habituar os seus leitores à pronúncia correcta do nome do Nobel da Literatura deste ano. Para um País de poucos leitores e poucos livros, a distinção é gigantesca, desproporcionada; para a obra de Saramago, a questão é muito diferente. Invertendo o sentido da sua última declaração num documentário em que eu próprio tive o prazer de trabalhar, vai para quatro anos, o Nobel garantirá à extrema coerência da sua obra, do seu imaginário, das suas convicções e do seu estilo, uma mais-valia de fixação que é meio caminho andado para a imortalidade. Será tudo isto um bocadinho assustador – sobretudo, por-

ras, o nome português do novo Nobel, a RTP1 ainda continuava enfiada no programa nortista de Manuel Luís Goucha, a discutir temas generosos mas impossíveis, como se não fosse nada com ela. Por seu lado, a SIC optava pela forma mais rápida e económica da televisão dos nossos dias: o directo, que no dialecto da TV portuguesa pode muito bem significar mandar um repórter para um sítio qualquer (neste caso, uma livraria), telefonar para um crítico literário para fingir um encontro casual, entrevistar pessoas ao acaso que – fatalmente – saberiam pouco de Saramago e... andar. Ao longo do dia, tudo foi amornando, em mútuas vigílias e na expectativa de um combate para a hora do jantar. E aí, ninguém esteve com meias-medidas. O

Telejornal da RTP1 lançou-se em 45 minutos de reportagem, a SIC nou-tro tanto, mas com estilos muitíssimo diferentes.

Para a SIC, foi a insistência na fórmula do directo, com arraial montado na Azinhaga, no bar da Fnac e, via-satélite, de Frankfurt. Para a RTP1, foi um grande esforço para compor uma sequência televisiva minimamente reflexiva, na qual muita gente se desdobrou e deve ter suado as estopinhas para apresentar um trabalho de casa interessante e informativo. Muito trabalho, que quase foi para a sarjeta, quando o pivot de serviço – absolutamente alheio das peças que ele próprio ia colocando no ar – voltou a perguntar ao escritor o que ia ele fazer aos milhões do prémio. Num dia excepcional para o País, esta era a pergunta que faltava (recorrente, mais tarde, por várias vezes) para nos lembrar onde estamos e com quem. Só para provar – a quem tinha ilusões – que o Nobel é mesmo de quem o ganha e de quem o merece. Ainda bem e para bem.

que está muito fora das nossas medidas –, mas a verdade é que, a partir deste ano, o nome de Saramago passará a estar inscrito num lote extremamente exclusivo de grandes escritores (e pensadores) deste século. Nomes: Prudhomme, Kipling, Maeterlinck, Anatole France, Yeats, Shaw, Bergson, Thomas Mann, Pirandello, O'Neill, Gide, Eliot, Faulkner, Russell, Hemingway, Camus, Pasternak, Steinbeck, Sartre, Beckett, Neruda, Canetti, Garcia Marquez, Brodsky... parece que não falta ninguém.

Por causa de toda esta desproporção, foi quase cómico seguir o modo como os media portugueses, em geral, e as televisões, em particular, lidaram com tal notícia. Foi uma forma extrema de pôr à prova a rapidez e a agilidade das televisões portuguesas face aos despachos urgentíssimos das agências internacionais, género: «Rapazes, o Nobel é vosso; agora aguentem-se.» A coisa começou a vagar. Quando já se sabia, às 12 ho-

Afinal, este foi também o dia em que um ex-subsecretário da Cultura (!), censor de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, afirmou que sim... que, se fosse preciso, o voltaria a fazer. E foi também o dia em que D. Duarte Pio se pronunciou e foi ouvido. Como se vê, tudo boa gente e de muita habilitação e qualidade. Mesmo à medida de um Prémio Nobel!

▶ A CONSPIRAÇÃO GIGANTE

concretizada sem problemas: o filme liderou as receitas de bilheteiras nos Estados Unidos por um par de semanas e conseguiu uma muito razoável aceitação da crítica. A história foi preparada por Carter e pelo seu parceiro habitual na escrita, Frank Spotnitz, durante um retiro de oito dias, no Natal de 1996. Pelo menos, foi aí que nasceu o fio condutor de um enredo que põe em campo Mulder e Scully a investigar a destruição de um prédio em Dallas num atentado bombista. Banal? Só aparentemente – as intrincadas peripécias que ambos atravessam acompanham de perto a intensidade da série. Carter explica: «Soube desde o início que o filme teria que seguir a linha mestra da 'conspiração governamental' que é, no fundo, o filão da série. Depois, tratou-se de limitar algumas das idiossincrasias que nos alimentam na TV. Mas não fomos muito rigorosos...»

WATERGATE NA ORIGEM

Um dos dados curiosos acerca de *Ficheiros Secretos* – tanto a série como o filme – está no envolvimento de convicções do próprio Chris Carter (também criador de *Millenium*, em exibição na RTP) no princípio-base: «Muitos filmes, como *O Silêncio dos Inocentes*, ajudaram-me a desenhar o ambiente. Mas há um que teve um efeito devastador em mim: *Os Homens do Presidente*. Toda a gigantesca mentira de Watergate foi decisiva para desenvolver a minha consciência política: quando se perde a fé nos líderes políticos logo aos 16 ou 17 anos, isso tem que trazer consequências...»

No filme, a teoria da conspiração é, portanto, ampliada, até pela presença de actores estranhos à série, como os consagrados Martin Landau e Armin Mueller Stahl. Mas, ao mesmo tempo, reencontram-se caras conhecidas da TV: o director do FBI, Walter Skinner (Mitch Pileggi), com uma posição menos ambígua nas suas relações com Mulder e Scully, e o «Homem do Cigarro» (William B. Davis), outra vez com um papel decisivo. Até Terry O' Quinn, o parceiro de Frank Black em *Millenium* dá um ar da sua graça como agente do FBI, para ajudar a baralhar ainda mais a história. Tal como acontece todas as semanas, via TV, as respostas só geram mais dúvidas, mais perguntas e mais medos – essa é, afinal, a «arma secreta» de *Ficheiros Secretos*, um dos mais interessantes e irresistíveis sinais dos tempos para a comunicação ficcional. Agora, já num ecrã perto de si...

J.G.